ISSN 1984-5634

ARTIGO

Memórias de brincadeiras de infância vividas por professoras da Educação Infantil do munícipio de Ponta Grossa (1960 a 1990)

Memories of childhood games experienced by preschool education teachers in Ponta Grossa (1960 to 1990)

Bruna Alves Lopes*
Michele da Luz Ribeiro**

RESUMO
O presente artigo analisa memórias de brincadeiras de infância vividas por professoras da educação infantil do município de Ponta Grossa – Paraná. Adotamos a realização de entrevistas e aplicação de questionários como instrumentos de coleta de dados junto à quatro professoras: duas participaram da pesquisa por meio de entrevista semiestruturada e duas a partir de questionários. Observamos que algumas brincadeiras tradicionais (esconde-esconde, pula-corda, amarelinha, entre outras) fazem parte das memórias das entrevistadas, sendo a rua o espaço de sociabilidade e irmãos, primos e vizinhos os principais companheiros de brincadeiras. Muitas brincadeiras e jogos que fizeram parte da infância dessas mulheres continuam presentes no seu cotidiano: seja por meio do brincar com os filhos, seja em sua prática docente revivida com os alunos em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeiras; infância; Memórias.

ABSTRACT
This article analyses the memories of childhood games experienced by preschool education teachers in Ponta Grossa – Paraná. Our research methodology consists of interviews and the application of questionnaires. These methods were applied with four teachers: two of them participated through a semi-structured interview and the other two participated through questionnaires. We noted that some of the traditional games (hide-and-seek, skipping rope, hopscotch, and more) are part of the interviewed memories, being the street the main space of sociability and the siblings, cousins and the neighbors the main playmates. Many of these plays and games that made part of these women childhood still present in their daily life: whether playing with their children or in their teaching practice with their students, at school.

KEYWORDS: Games; childhood; Memories.

EDITOR-CHEFE:
Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:
Renata dos Santos de Mattos

SUBMETIDO: 25.01.2022
ACEITO: 12.08.2022

COMO CITAR:
Lopes, B.A.; Ribeiro, M. L. Memórias de brincadeiras de infância vividas por professoras da Educação Infantil do munícipio de Ponta Grossa (1960 a 1990). *Aedos*, v. 15, n. 33, p. 186-200, jan.–jun., 2023.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

Os jogos e as brincadeiras fizeram parte da infância de muitas pessoas, compondo parte de suas memórias. Deste modo, estudar as memórias sobre o brincar e os brinquedos nos possibilita "compreender a importância do brincar hoje, a exploração do passado,

* Graduada em Licenciatura em História, mestre e doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora colaboradora do departamento de História da mesma instituição de ensino superior. Orcid: 0000-0002-5892-5503.
E-mail: bruna.hist.uepg@gmail.com

** Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialização em História, Artes e Cultura pela mesma instituição. Orcid: 0000-0001-5226-2887.
E-mail: micheledaluzribeiro@hotmail.com

pois se o significado em geral do brincar permanece, suas condições de existência mudaram" (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 32). Cabe destacarmos que a forma de brincar, e a própria compreensão do que seria essa ação, adapta-se conforme a época e a importância que determinado coletivo lhe atribui, pois cada sociedade possui uma visão em relação aos jogos e às brincadeiras e a valorização, ou não, destas práticas variam conforme o tempo e o lugar (BROUGÈRE, 1998).

De acordo com Kishimotto (2000, p. 108), no período medieval o jogo era "visto como inútil, como coisa não séria". Ainda assim, percebe-se que durante o período histórico mencionado os jogos e brincadeiras já se faziam presentes nas "grandes festas sazonais e tradicionais onde crianças, jovens e adultos participavam de modo igual, desempenhando papéis que lhes reservava a tradição" (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p.16). No que diz respeito aos brinquedos, desde tempos remotos, são objetos impregnados de valores culturais, pois são fruto de uma dada sociedade; assim, cada cultura possui representações e imagens e estas são materializadas nos brinquedos que, por sua vez, possibilitam às crianças obtenção, apropriação e ressignificação das informações compostas nesses objetos. Assim, observa-se que a infância é referenciada como sendo um momento de "assimilação de imagens e de representação diversas que transitam por diversos canais" (BROUGÈRE, 1995, p. 40).

Devido a vários fatores — tais quais: ausência de espaços para o brincar, alterações nas cidades (ausência dos chamados "terrenos baldios", falta de sociabilidade na vizinhança, insegurança nas ruas das grandes cidades, etc.), emergência dos brinquedos eletrônicos, entre outros — percebe-se que muitos jogos e brincadeiras tradicionais (pula-corda e amarelinha, por exemplo) não fazem parte da cultura lúdica das crianças de hoje, embora encontrem-se guardadas nas memórias de infância de muitas pessoas de gerações anteriores.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar as memórias de brincadeiras de infância de professoras da educação infantil do município de Ponta Grossa – Paraná. Escolhemos como ferramentas de coleta de dados entrevistas e aplicação de questionários e participaram na condição de sujeitos da pesquisa quatro professoras: duas cederam entrevistas, realizadas em suas respectivas casas, as outras duas participaram via questionários. Em ambos os casos, as perguntas realizadas com as docentes tinham como objetivo identificar as brincadeiras presentes no cotidiano, os espaços em que o brincar ocorria, os brinquedos utilizados e quem eram os companheiros nessas atividades.

A CRIANÇA, A INFÂNCIA E O BRINCAR

Atualmente percebe-se uma grande preocupação com a infância e o brincar, sendo este, inclusive, garantido legalmente. O art. 16 da Lei 8.064 de 13 de julho de 1990 — popularmente conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) — em seu parágrafo IV caracteriza o "brincar, praticar esportes e divertir-se" como direitos referentes à liberdade da criança e do adolescente e devem ser assegurados por toda a sociedade brasileira. O referido texto está pautado na ideia de que a criança é um cidadão. No entanto, nem sempre foi assim.

A concepção de criança existente no período medieval, por exemplo, soaria negativa aos olhos de hoje, embora fosse a expressão da sociedade (e dos valores) daquele momento: "a criança é um ser inacabado, sem nada específico e original, sem valor positivo" (KISHIMOTO, 1996, p. 19). Nesta época a criança era tratada "como um homem em miniatura" (KISHIMOTO, 1996, p. 19). Não haviam cuidados

especiais para com elas, pois não existia um "sentimento de infância" (ARIÈS, 1981), ou seja, não existia uma compreensão de que se estava diante de sujeitos singulares. Assim, crianças viviam misturadas no mundo dos adultos e "não eram o centro das relações familiares e muitas delas, de ambos os sexos, eram enviadas a outras casas nobres para serem criadas" (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 17).

Com relação ao brincar na Idade Média, não havia qualquer distinção de sexo ou gênero em relação ao brinquedo: tanto meninos quanto meninas podiam brincar com os mesmos objetos (ARIÈS, 1981). As brincadeiras também eram praticadas pelos adultos e pelas crianças. Assim, "essas atividades aparecem como divertimentos que levam o indivíduo a participar na comunidade e estabelecer relações sociais, bem como seu papel e lugar dentro do grupo ao qual pertence" (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 18). Um novo olhar sobre a criança começou a ser construído a partir do século XVII, nas famílias da alta classe, que passaram, então, a protegê-la e enxergá-la como um ser que necessita de cuidados: "só ultrapassava esta fase da vida quem saísse da dependência, ou pelo menos dos graus mais baixos de dependência, e a palavra infância passou a designar a primeira idade de vida: a idade da necessidade de proteção, que perdura até os dias de hoje" (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008, p. 7).

Na Idade Moderna, em especial na Europa, têm início várias transformações, sendo uma das principais para o nosso estudo a formação da família burguesa, composta por homem (marido), mulher (esposa) e os filhos desse relacionamento. Com isso surge um marco importante em relação à infância: "novos sentimentos em relação a estes aspectos e consequentemente levar os jogos, os brinquedos, as festas e as brincadeiras a tornarem-se gradativamente exclusivos ao universo da criança" (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 20). As famílias passam a demostrar mais afeto com as crianças e, com isso, também há uma preocupação voltada para a questão do brinquedo e das brincadeiras, visando torná-los atrativos para o universo infantil.

Neste mesmo contexto, conforme Silva, Garcia e Ferrari (1989, p. 20), surge a escola, que, junto com a família, "irá cuidar de educar, moral e espiritualmente, as crianças". Data desse período a distinção entre as atividades lúdicas que seriam, ou não, adequadas para as crianças, considerando os elementos morais e educativos observados em tais atividades (ARIÈS, 1981; SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989). Assim, é perceptível que conforme o "sentimento de infância" (ARIÈS, 1981) torna-se mais latente, em especial na Europa, a forma de se relacionar com elas e os espaços, instituições e objetos a elas destinados também se modificam, expressando e sendo influenciados por essa nova mentalidade.

Antes do século XIX os brinquedos eram construídos por oficinas manufatureiras que, por sua vez, só fabricavam aquilo que competia ao seu ramo (BENJAMIN, 2005). Sua industrialização representou uma mudança significativa: a criança passou a ser vista enquanto consumidora de um produto. A partir da segunda metade do século XX outro fenômeno reforça essa compreensão, uma vez que brinquedos e brincadeiras passam a ser influenciados pela indústria cultural, acentuando o processo de mercantilização.

Entre os impactos da mercantilização dos brinquedos podemos citar: 1) a exclusão de classe (OLIVEIRA, 1984), uma vez que as crianças das classes trabalhadoras podem ter dificuldades em acessar determinados brinquedos devido ao alto custo; 2) a valorização do brinquedo, em detrimento à ação do brincar. Tendo em vista o valor desses objetos, ainda mais num contexto de crise econômica, o brinquedo deixa de ser um suporte para o brincar para tornar-se um objeto a ser ostentado. Assim, muitos adultos podem (pelo medo da criança perder, quebrar, etc.) limitar o seu tempo de uso, além de

incentivar o consumo do brinquedo e não o exercício da fantasia e da criatividade; 3) a dominação cultural e de classe: "[...] nos países dominados, fazem parte ou estão vinculados ideologicamente às classes dominantes" (OLIVEIRA, 1984, p. 39), expressando os valores e a cultura dos países hegemônicos; 4) Tendo em vista que são produtos construídos de adultos para crianças, as singularidades destas últimas podem ser desconsideradas, uma vez que a ênfase está no consumo (OLIVEIRA, 1984). Não deixa de ser significativo que os brinquedos construídos pelas próprias crianças são desvalorizados e, não raro, aqueles confeccionados por elas nas escolas, por exemplo, são jogados no lixo (pelos adultos) assim que as mesmas chegam em casa.

SOBRE MEMÓRIA

Tendo em vista as alterações em relação ao papel do brincar, chamamos a atenção para o debate sobre memória, uma vez que esta tem um papel relevante na construção identitária, assim como na percepção que os sujeitos terão sobre sua infância (aquela vivida por si e pelos sujeitos de outras gerações, em especial as mais novas). Em relação à memória, Pierre Nora (2012, p. 9) argumenta que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

A memória está em constante atualização, sendo importante levar em consideração que, ao mesmo tempo em que é um fenômeno individual, ela é também coletiva e social. Assim, ao registrarmos as memórias de um sujeito, falamos não apenas de uma dada pessoa, mas também de um determinado grupo social. Cabe salientarmos que a memória não é neutra: aquilo que é lembrado e esquecido por um sujeito/grupo é resultado de determinados interesses, mesmo que não conscientes.

Em seus estudos, Pollak (1992) salienta que tanto na memória individual como na memória social podemos encontrar "pontos relativamente invariantes, imutáveis" (POLLAK, 1992, p. 201). Um exemplo disso, citado pelo autor, ocorre nas entrevistas de história de vida, em que a ordem cronológica não está sendo fundamentalmente obedecida. Assim, o sujeito entrevistado retorna diversas vezes aos mesmos acontecimentos, em que aparecem elementos irredutíveis no qual "o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças" (POLLAK, 1992, p. 201). Esses elementos se tornam tão reais que passam a constituir "parte da própria essência da pessoa", mas também há outros acontecimentos que se modificam em função "do movimento da fala" (POLLAK, 1992, p. 201); isso é perceptível tanto na memória individual quanto na coletiva.

Pollak define os elementos constitutivos da memória individual e da memória coletiva. Entende-se como elementos constitutivos da memória individual "aqueles acontecimentos que vividos pessoalmente" (POLLAK, 1992, p. 201), enquanto os elementos constitutivos da memória coletiva seriam aqueles "acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer" (POLLAK, 1992, p. 201). Frente a isso, nota-se que as brincadeiras tradicionais são parte da memória coletiva de determinados grupos e gerações e são "manifestações livres e espontâneas da cultura popular, a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivências sociais e permitir o prazer de brincar" (MEDEIROS, 2008, p. 23).

Ao longo da vida, cada ser humano vai constituindo suas memórias por meio das mais variadas formas de interação que mantêm com outras pessoas. Assim, determinadas lembranças continuam nas famílias e outras podem ser lembradas entre "os operários que trabalham em uma fábrica e assim por diante" (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 97). Isso acontece, de acordo com Pollak (1992, p. 203), devido ao fato de que "a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado". Desta feita, são as questões do presente que colaboram no processo de seleção daquilo que será lembrado ou esquecido.

Construímos nossa memória por meio das interações com o meio social em que vivemos. Deste modo, "mesmo que o indivíduo pense que sua memória é estritamente pessoal, uma vez que ela pode resgatar acontecimentos nos quais só ele esteve envolvido ou fatos e objetos que só ele presenciou e viu, ela é coletiva" (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 97). Compreende-se que, por mais que tenhamos vivenciado sozinhos aquela lembrança, ela ainda se mostra como uma memória coletiva uma vez que vemos "o mundo através de construções coletivas como a linguagem" (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 97).

DAS FONTES

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e, para o seu desenvolvimento, adotamos como caminho metodológico a realização de entrevistas e questionários, por entender que tais ferramentas nos possibilitam, cada qual a seu modo, compreender questões do presente e do passado a partir do ponto de vista dos sujeitos. Selecionamos quatro professoras (com idades entre 28 e 56 anos) para participar da construção, na condição de sujeitos, deste trabalho.

No que diz respeito às entrevistas, sintetizamos aqui os apontamentos de Moura e Rocha (2017), que nortearam o delineamento da pesquisa: 1) as entrevistas podem ser compreendidas enquanto um diálogo. Nesse sentido, ainda que os pesquisadores adotem um roteiro previamente estabelecido (como foi o caso deste trabalho), a dinâmica estabelecida entre pesquisador e entrevistado abre brechas para que elementos não apresentados no roteiro surjam e colaborem no processo, algo que não é possível com os questionários; 2) É importante ter ciência de que todos os participantes da entrevista (pesquisador e sujeito) possuem interesses específicos e isso afeta diretamente naquilo que é narrado e no *como* é relatado. Tendo em vista que as memórias de brincadeiras são o objeto dessa pesquisa, não podemos ignorar tal ponto, sem correr o risco de perder elementos significativos para a análise, uma vez que 3) aquilo que é narrado pelo entrevistado trata-se da sua interpretação acerca de um determinado acontecimento e não o acontecimento em si; 4) Marcadores sociais (tais como classe, gênero, etnia, deficiência, entre outros) impactam significativamente na pesquisa: seja na coleta de dados ou em sua análise. Assim, é importante um olhar atento tanto para aquilo que 'une" pesquisadores e sujeitos de pesquisa quanto para aquilo que os diferencia[1].

Além das entrevistas, realizadas com duas professoras, aplicamos um roteiro de perguntas de três laudas divididas da seguinte maneira: 1) dados pessoais (nome, sexo, mês e ano de nascimento, local de trabalho); 2) as questões a serem respondidas (total de oito perguntas). Salientamos que o objetivo inicial era realizar entrevistas com as quatro professoras, entretanto, ao longo do processo

1 Vale destacar que uma das pesquisadoras conhecia uma das entrevistadas por terem a mesma formação acadêmica (Pedagogia), o que possibilitou o contato com as outras participantes.

observamos que a aplicação dos questionários deixaria as outras duas participantes mais à vontade para contribuir na construção da pesquisa.

Abaixo apresentamos um quadro com a caracterização das participantes da pesquisa. Os nomes mencionados são fictícios.

MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS

A primeira questão, "como foi a sua infância", foi respondida da seguinte forma pelas entrevistadas:

> *Infância foi normal para uma criança daquela época, daquele tempo, que a gente brincava com as pessoas mais próximas os primos, as famílias antigamente se reuniam muito mais, então nós brincávamos com os primos e filhos dos vizinhos e era essa nossa convivência de infância* (Prof. Jaqueline).
>
> *Então, na minha infância, eu brincava bastante com meus primos e irmãos; brincava na rua, de pega-pega, esconde–esconde, de jogo de bets, de casinha, gostava de jogar futebol e brincava com bonecas* (Prof. Fabiane).
>
> *Infância foi na zona rural, portanto, foi maravilhosa; contribuindo de forma positiva na minha formação subindo em árvores, brincando à luz da lua e ouvindo narrativas do meu pai* (Prof. Ana Paula).
>
> *Foi maravilhosa, com bastante amigos* (Prof. Gisele).

Observamos que as entrevistadas classificam a infância como um período feliz de suas vidas, sendo essa ideia de felicidade associada ao convívio com irmãos, parentes e vizinhos, às brincadeiras e a própria ideia de liberdade que o brincar representa na perspectiva das participantes, estando nítida na fala da professora Ana Paula, que diz: "subia em árvores, brincando à luz da lua e ouvindo narrativas do meu pai". Nesta curta frase é perceptível a ideia de livre andar (brincar em árvores e andar à noite), além do convívio e atenção familiar (ouvir as histórias do pai) associada com uma narrativa romanceada, "à luz da lua".

A "infância feliz" é uma ideia recorrente na memória coletiva de muitos grupos e, em nosso trabalho, identificamos isso de forma bastante clara. Conforme mencionado anteriormente, Pollak (1992, 1989) ressalta que na elaboração da memória temos alguns pontos que não podem ser esquecidos no processo de análise: primeiro a questão da pertença, uma vez que aquilo que o sujeito lembra sofre influências da coletividade ao qual o indivíduo pertence, ou julga pertencer. Outro ponto importante destacado pelo autor diz respeito ao fato de que falar de memória também é falar do seu oposto, o esquecimento e o silêncio, e esses elementos também são marcados tanto por questões individuais quanto coletivas. Assim, lembrar é também esquecer. Nesse sentido, não deixa de ser interessante as professoras relatarem apenas memórias consideradas "felizes".

Quadro 1: caracterização das participantes. Fonte: elaborado pelas pesquisadoras a partir dos dados coletados na pesquisa.

	Jaqueline	**Fabiane**	**Ana Paula**	**Gisele**
Idade	56 anos	28 anos	43 anos	37 anos
Atuação profissional	Educação Infantil	Educação Infantil	Educação Infantil	Educação Infantil
Local da entrevista	Na casa da entrevistada	Na casa da entrevistada	Na casa da entrevistada	Na casa da entrevistada
Forma da entrevista	Entrevista	Entrevista	Questionário	Questionário

Apesar da infância (desde o período Moderno) estar associada ao brincar e ao aprender e, portanto, à uma perspectiva idealizada de felicidade, nem todas as crianças tiveram (ou têm) essa experiência. Questões ligadas a problemas familiares, socioeconômicos, de saúde, entre outros podem fazer da infância um período marcado por dificuldades. Cabe também destacarmos que, não raro, a ideia de felicidade na infância está diretamente associada à desvalorização da criança e a desconsideração dos problemas que estes sujeitos enfrentam. A memória é um olhar do presente para o passado, assim, questões relacionadas à vida adulta (responsabilidades laborais, pagamento de contas, entre outros) podem fazer com que, na perspectiva do adulto, a vida passada era mais "feliz" porque estava "desprovida de problemas".

Quando a professora Jaqueline diz que sua infância "foi normal para uma criança daquela época", ela, ainda que de modo não consciente, insere-se numa dada coletividade a partir da realização de uma dicotomia: a infância vivenciada por sua geração — que brincaram e conviveram com familiares e crianças da vizinhança — e a infância atual, marcada, em suas perspectivas, pelo isolamento. Assim, as diferenças entre presente e passado, tal qual como compreendida pelas participantes da pesquisa, impactam na forma como estas lembram e narram as suas experiências.

A rua, enquanto um espaço de brincar, foi um elemento marcante nas respostas, juntamente com irmãos, primos e vizinhos como principais companheiros de jogos e brincadeiras. Temos as seguintes falas:

> *Brincávamos na rua, ou na casa que estávamos, se iria visitar parente na casa brincava na casa do tio, ou na rua na frente da casa do tio, ou na casa dos vizinhos, mas sempre próximo e sob a supervisão de adultos* (Prof. Jaqueline).
>
> *Brincava com minhas primas, meu primo e meus irmãos; brincava na rua, naquela época não tinha tanto perigo, em casa, na casa dos parentes e na casa da vó* (Prof. Fabiane).
>
> *Sempre brincando ao ar livre, preferencialmente; com meus irmãos e irmãs* (Prof. Ana Paula).
>
> *Brincava na rua com meus irmãos e vizinhos* (Prof. Gisele).

Por meio das respostas observamos que as brincadeiras sempre ocorriam em frente à casa ou na rua e eram marcadas pela companhia de muitas crianças, companheiras de jogos, e pela livre circulação destas em diferentes ambientes, principalmente casas de vizinhos e parentes próximos, indicando um intenso laço de sociabilidade. Essa observação está de acordo com a bibliografia que nos diz que "as crianças do passado tinham uma relação mais próxima com a natureza, com o espaço público, com outras crianças e consequentemente com a vizinhança" (MARCILIO; AULICINO, 2016, p. 4).

Ao longo das entrevistas foram citadas as seguintes brincadeiras como as mais recorrentes na infância dessas mulheres: pega-pega, queimada, esconde-esconde, pai-cola, casinha, bolinha de gude, passa-anel, leiteiro, *stop*, cinco marias, jogo de *bets*, futebol, boneca, amarelinha, carrinho de rolimã, pular corda, dominó, cantigas de roda e subir em árvores. São, em sua grande maioria, "brincadeiras de rua", que exigem espaço. Assim, a rua poderia ser caracterizada como um dos principais espaços de brincar dessas crianças: espaço de sociabilidade e de aprendizado (das brincadeiras, do convívio social com seus pares, etc.).

Percebe-se que neste período da infância das professoras (1960 a 1990) o município de Ponta Grossa estava em processo de transformação, sobretudo pelo acentuado processo de urbanização. Em 1969 começou a instalação de indústrias e isso "alterou o perfil da cidade na sua estrutura interna,

com o investimento nas pavimentações asfálticas, construção de praças e melhorias da iluminação pública nos bairros" (SCHEFFER, 2003, p. 42). Alguns bairros, tais como Contorno e Colônia Dona Luiza, sequer existiam, e os demais continham poucos elementos característicos da atual urbanização da cidade (asfalto e grande número de casas, por exemplo), o que, junto com a pouca circulação de carros, fazia das ruas um espaço de brincar.

No livro intitulado *Memórias e brincadeiras na cidade de São Paulo* os autores descrevem que até os anos 1950 as pessoas que moravam nas cidades "tinham na rua o cenário de suas principais manifestações: as relações de vizinhança tecidas nas conversas, nos lanches, festas ou grupos de brincadeiras" (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 64). No que diz respeito a Ponta Grossa, a partir do relato das entrevistadas, podemos dizer que esse processo foi mais tardio, sendo a rua um importante espaço para as crianças e suas brincadeiras até a década de 1990, fazendo parte da memória de muitos adultos que vivenciaram esse período.

Ainda sobre o brincar destacamos a seguinte fala:

> *Brincávamos com a brincadeira chamada 'trinta e um', que hoje em dia conhece como esconde-esconde, mas no meu tempo era conhecido como trinta e um, […] e brincava de cinco marias, cinco pedrinhas que naquele tempo fazia de saquinhos, brincava de pular corda, amarelinha, pula-corda e carrinho de rolimã* (Prof. Jaqueline).
>
> *Casinha, pular corda, de roda, esconde-esconde, sempre brincadeiras em grupo* (Prof. Fabiane).
>
> *Brincadeiras tradicionais, esconde-esconde, pega-pega, casinha, bolinha de gude, de bodega (compras), passa anel, cantigas de roda, leiteiro,* stop *(quando chovia)* (Prof. Ana Paula).
>
> *Brincava de pega-pega, queimada, esconde-esconde, pai cola, andava por cima dos muros (das casas)* (Prof. Gisele).

Além das brincadeiras ocorrerem ao ar livre (exceto em dias de chuva) e do número grande de crianças que participavam, observamos a questão da nomenclatura de tais práticas, que pode mudar conforme a região ou a geração. Isso nos faz pensar, de acordo com Brougère (1998), que o brincar é aprendizado, mas também é apropriação, ressignificação e criação, o que nos ajuda a entender essas alterações acima expostas.

A quarta questão respondida — "quais eram as brincadeiras ou jogos que mais gostava e que continuam presente na memória?" — foi relata da seguinte forma pelas entrevistadas:

> *Com certeza as cinco marias, que era uma coisa que me encantava bastante […] e uma outra brincadeira que tinha quando era criança era o dominó que a gente brincava e que também hoje em dia eu brinco e também amarelinha* (Prof. Jaqueline).
>
> *Esconde-esconde, pula-corda e jogar* bets (Prof. Fabiane).
>
> *Passa anel, leiteiro, bolinha de gude,* stop *que até hoje brinco com meus filhos* (Prof. Ana Paula).
>
> *Pai cola e queimada* (Prof. Gisele).

As brincadeiras na infância assumem um grande papel, pois se mostram como um meio para se chegar ao coletivo; a partir delas a criança trabalha questões importantes da sociabilidade (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 75). Percebe-se que muitas brincadeiras de infância ainda continuam não apenas na memória das professoras, mas também em seus cotidianos. No caso de Ana Paula, tornou-se um meio estar junto com seus filhos e interagir com eles. Já no relato de Jaqueline, o jogo de dominó que era recorrente na sua infância permanece até hoje, o que demonstra que o lúdico também pode, e deveria, fazer parte da vida adulta.

A pergunta cinco tinha o intuito de saber se "havia construção do próprio brinquedo ou já recebia pronto? Com que brinquedos vocês brincavam?". Foi relatado nos depoimentos que havia a construção do próprio brinquedo, como mostram as falas das professoras:

> *A gente tinha que procurar, tinha que inventar, tinha que se virar por que dificilmente ganhava alguma coisa pronta. Me lembro de uma boneca que eu tinha que ganhei quando era pequena, mas não podia brincar, porque ela custou caro e então não era para estragar, não podia brincar [...]. O que construía era os saquinhos das cinco marias, amarelinha nós desenhávamos no chão com caco de telha de tijolo ou então carvão, desenhava na calçada depois apanhava e tinha que apagar, a malha da amarelinha era uma pedrinha, a brincadeira trinta e um, pula-corda pegava pedaço de corda que era reutilizado no meu tempo porque era corda de poço [...]* (Prof. Jaqueline).
>
> *Havia sim, a construção do brinquedo, a gente adaptava, a necessidades da gente obrigava utilizar a criatividade, se não tinha uma boneca você adaptava ali, a minha mãe era costureira então, mexia muito com pano, retalho de pano, a gente não tinha a panelinha ou lá o fogão a gente adaptava com caixa de papelão, potinho, lata de leite, adaptava então havia a construção do brinquedo* (Prof. Fabiane).
>
> *Geralmente confeccionávamos nossos próprios brinquedos: bonecos de espigas de milho verde, cavalinho com cabo de vassoura, perna de pau e coisas provenientes da natureza* (Prof. Ana Paula).
>
> *Trenzinho com lata de sardinha e boneca de milho* (Prof. Gisele).

Nas memórias das professoras vemos que as condições sociais associadas com o valor dos brinquedos industrializados faziam com que estes objetos fossem raros em suas infâncias, sendo a fala de Jaqueline a mais clara em relação à questão. A boneca, que num primeiro momento seria um brinquedo, tornou-se mais um objeto de contemplação devido ao custo. Anteriormente, ao citarmos Brougère (1995), mencionamos que, para o autor, o brinquedo é um "suporte da ação" (o brincar) e que ele apresenta "imagens e símbolos" que serão manipulados pela criança. O relato de Jaqueline nos leva a perceber que nem todo objeto intitulado brinquedo pode ser considerado de fato enquanto tal, uma vez que sua finalidade (auxiliar a criança no brincar) não é concluída. Entretanto, ainda assim, ele mantém uma imagem e símbolo: há objetos que, devido ao seu valor monetário, devemos manipular com cuidado.

Os relatos também nos levam a perceber que todo material, a partir da imaginação da criança, pode se tornar um brinquedo (OLIVEIRA, 1984) e a ação do brincar pode iniciar a partir da confecção desses objetos. Observamos os diálogos, às vezes tensos, com os adultos: seja pegando aquilo que estes achavam não ter mais utilidade (os retalhos de pano, por exemplo) para confeccionar seus brinquedos, seja negociando os usos dos espaços para poder brincar (como citado pela professora Jaqueline sobre o riscar o chão). As palavras da professora Fabiane — "as necessidades da gente obrigava utilizar a criatividade" — expressam de maneira significativa o fato do brincar ser uma ação que visa explorar, conhecer e aprender (BROUGÈRE, 1998; OLIVEIRA, 1984) e que, em muitos casos, a brincadeira começa no processo de fabricação do brinquedo.

Quando indagadas sobre "qual o papel do brincar na vida da criança?", as entrevistadas responderam da seguinte forma:

> *Acho fundamental, no meu tempo tive liberdade para brincar, mas, não sabia a importância disso para uma criança, cresci, casei, tive meus filhos e dei mais liberdade para eles brincar, mas os brinquedos já eram prontos eles não exercitavam tanto a criatividade, na exploração do brinquedo porque o brinquedo cantava sozinho, rodava sozinho,* já era bonito sozinho eles só observavam o *brinquedo, foi a época dos brinquedos eletrônicos, era pouco brinquedo pedagógico que a gente via e nem percebi. Hoje com a formação que tenho e na área que eu trabalho eu proporcionaria uma outra ideia um outro tipo de brinquedos, sabe!?, ofereceria outros tipos de brinquedos* [...] (Prof. Jaqueline).
>
> *O brincar é essencial na vida da criança, pois ele desenvolve tanto parte motora, intelectual e social* (Prof. Fabiane).

> *É através do brincar que a criança desenvolve suas habilidades, sem imposição, naturalmente. O lúdico é inerente a criança e é saudável para que ela aprenda sobre a vida sem trauma* (Prof. Ana Paula).
>
> *Brincar é uma importante forma de comunicação, possibilita o processo de aprendizagem da criança, facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade* (Prof. Gisele).

Nas falas acima observamos dois pontos importantes: mudanças geracionais na forma de brincar (e nos brinquedos) e a influência da formação acadêmica e da atuação profissional, no caso Pedagogia, nas respostas. Na infância de Jaqueline as crianças exercitavam a criatividade produzindo seus próprios brinquedos, situação distinta daquele vivenciada pelos filhos da professora, uma vez que tais objetos eram comprados nas lojas. Essa mudança geracional indica não apenas questões referentes ao poder de consumo, mas também uma transformação na relação com o objeto e no modo como se brinca.

Apesar de uma visão negativa em relação aos brinquedos eletrônicos, estes fazem parte do cotidiano dos filhos de Jaqueline. Oliveira (1984) nos diz que alguns pais buscam proporcionar aos filhos aquilo que não tiveram quando crianças, e isso diz respeito também aos brinquedos. Complementando tal questão, Brougère (1998) nos diz que o brinquedo também é uma das formas dos pais (e acrescentamos, adultos em geral) demonstrarem carinho aos pequenos.

Numa fala anterior, Jaqueline comentou que tinha uma boneca, mas que não poderia brincar, pois era um objeto caro. Vemos um dilema instalado: a ausência de brinquedos industrializados, ou o impedimento de brincar com os que "tinha", estimulou a criatividade e tudo o que esta pode proporcionar, mas deixou também marcas negativas que a professora tenta resolver com os filhos. Entretanto, o contexto social, cultural e econômico das novas gerações de crianças nos coloca questões não vivenciadas anteriormente: se a função do brinquedo é estimular a imaginação, os chamados brinquedos eletrônicos com suas diferentes funções e luzes abrem espaço para a ação da criança? Até que ponto? Essas questões podem se transformar em dilemas e tensões entre os desejos e percepções das crianças e a interpretação de pais, educadores, etc. sobre o assunto.

No que diz respeito à formação e atuação profissional, observamos que a professora Jaqueline deu uma resposta mais pessoal. No entanto, a sua formação profissional deu a ela um novo olhar sobre o papel do brincar e dos brinquedos, uma perspectiva mais informada e científica sobre o desenvolvimento infantil. Percebe-se que as outras pedagogas utilizaram expressões como "desenvolvimento da parte motora". Entendendo que a memória é sempre uma reflexão do presente acerca do passado (POLLAK, 1992), as falas acima expressam bem tal questão, uma vez que quem nos oferece essas respostas não são as antigas crianças Jaqueline, Fabiane, Ana Paula e Gisele, mas as professoras, mães, mulheres que possuem responsabilidades com a educação de crianças, que tiveram contato com teorias acerca do desenvolvimento infantil e do papel do brincar e cujo exercício profissional as mantêm em contato direto e constante com tais questões.

Sobre a questão "você percebe diferença ou semelhança nas brincadeiras e espaço de brincar das crianças? Quais?", obtivemos as seguintes respostas:

> *Percebo que hoje em dia, as crianças não têm tanta liberdade no espaço para brincar como nós tínhamos [...] e o espaço, o brincar também é diferente e as crianças são muito egocêntrica porque os pais na medida que eles têm um número reduzido de filho, quanto menos filhos eles têm, mais eles abrem a mão das coisa pra eles em pró dos filhos, então as crianças se tornam egocêntricas porquê tem uma imensidade de brinquedos na casa dela e ela não consegue brincar com tudo os brinquedos e o pai e a mãe deixa só ela brincar e a criança não aprende compartilhar o brinquedo como a gente na minha infância [...]* (Prof. Jaqueline).

> *Antigamente brincava muito em grupos com primo e vizinho e hoje em dia as crianças estão focadas na área da tecnologia, hoje em dia joguinho delas é no* tablet*, no celular, a questão muito do individual [...]* (Prof. Fabiane).
>
> *O que define é o contexto sócio histórico cultural que a criança fica mais dentro de casa, na internet [...]* (Prof. Ana Paula).
>
> *Sim, quanto ao espaço, eu brincava na rua, hoje a criança é dentro de casa maior parte delas é brinquedo eletrônico* (Prof. Gisele).

Segundo Meira, "suspender o tempo de brincar é hoje um ato de extremo desafio que as crianças tem de enfrentar frente à avassaladora rede de aparelhos virtuais que invadem sua vida, anestesiando seus movimentos corporais e seu pensamento" (MEIRA, 2003, p. 77). Se o brincar é um meio da criança vivenciar a cultura que a cerca e o brinquedo um objeto que expressa valores e símbolos (BROUGÈRE, 1998) não podemos deixar de refletir sobre nosso contexto e como ele afeta, e é afetado, pelas crianças.

Como mencionado anteriormente, o final do século XX foi marcado, na cidade de Ponta Grossa, por um intenso processo de urbanização, o que representa dizer que o crescimento da cidade, a perda de espaços abertos (tal como campos e terrenos baldios), o aumento das ruas asfaltadas e do número de carros circulando nas cidades, associados com o crescente sentimento de insegurança, são fatores que colaboraram para alterar a forma como as crianças vivenciam a infância. A perda dos espaços de brincar, e, portanto, de sociabilidade e aprendizagem da cultura lúdica, foi também marcado pela ausência de tempo para brincar. Muitas possuem a oportunidade de brincar com outras crianças apenas na escola, no momento do recreio.

O brincar afeta a socialização e consciência do espaço/tempo das crianças. O isolamento da criança, por sua vez, limita sua capacidade de sociabilidade, o que gera o "individualismo" e "egocentrismo" apontado na fala das entrevistadas. Cabe destacar que essas questões não são exclusividade das crianças, mas um problema coletivo. Quando lemos Bauman (2001) falando sobre a "sociedade líquida" observamos como as transformações (cada vez mais rápidas, intensas e profundas) resultantes das desestruturações sociais têm impactado significativamente na forma como nos vemos e nos relacionamos com os outros, sendo a desestruturação dos antigos laços sociais uma das problemáticas a ser analisadas. A desilusão com as antigas tradições e metanarrativas tem propiciado cada vez mais um contexto propício à busca do prazer de forma individual. Nesse sentido, o individualismo é uma característica das sociedades complexas e plurais. Isso não significa que não possam haver laços de fraternidade e solidariedade, mas são questões que devemos nos colocar e refletir enquanto coletivo.

Na pergunta oito, sobre se "em algum momento você já vivenciou com seus alunos com algumas brincadeiras vividas na sua infância?", as entrevistadas relataram o seguinte:

> *Sim, a brincadeira do dominó, amarelinha, [...], o esconde-esconde na linguagem deles é essa, então eles contam normalmente até dez, porque dependendo da turma que estamos trabalhando é o que eles normalmente conhecem com mais segurança. A brincadeira de corda, embora as crianças pequenas não têm ainda habilidade suficiente pra pular corda, mas a gente brinca de outras maneiras [...]* (Prof. Jaqueline).
>
> *Sim, vivencio sempre, até no planejamento tem a parte da recreação; sempre procuro focar algumas das brincadeiras de minha infância vivenciada que eu mais gostava e trazer para as crianças, como o pula corda que trabalha a questão motora, trabalho o pula corda com as crianças do infantil cinco, tem uma turma do infantil cinco que eu trabalho todos eles pulam corda tão bonitinho, também questão do pega-pega, passa anel, brincadeiras de roda, escravo de Jó* ,trabalhar a questão rítmica das *crianças, então vivencio bastante brincadeiras da minha infância com meus alunos hoje* (Prof. Fabiane).

Sim, desenvolvo um projeto sobre brincadeiras no CMEI que trabalho, no qual tive a oportunidade de vivenciar algumas brincadeiras antigas (Prof. Ana Paula).

Sim, esconde-esconde e pega-pega as crianças amam (Prof. Gisele).

As falas acima nos fazem lembrar que "as memórias não são apenas um retorno ao passado mutável, mas que ao serem narradas, lembradas, adquirem novos contornos, que podem ajudar a repensar o presente em que se vive, e a pensar no futuro que se planeja" (FRANÇA, 2007, p. 27). Na fala da professora Fabiane isso fica mais claro quando ela diz que na hora de elaborar seu planejamento, além das questões pedagógicas, também considera seus gostos de infância. O espaço da ação é diferente (da rua para a escola) e os sujeitos que brincam também, pois temos a inserção da professora que inclusive orienta, por meio da proposta pedagógica, o brincar, que passa a ser dirigido. Ainda assim, é possível destacar a relevância desse diálogo e manutenção do vínculo intergeracional por meio do brincar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das memórias de infância relatadas pelas professoras podemos verificar a presença de vários jogos e brincadeiras, tais como: pega-pega, queimada, esconde-esconde, pai-cola, casinha, bolinha de gude, passa-anel, leiteiro, *stop*, cinco marias, jogo de *bets*, futebol, boneca, amarelinha, carrinho de rolimã, pular corda, dominó, cantigas de roda e subir em árvores. Vale ressaltar que na infância das professoras muitos brinquedos eram construídos e adaptados pelas próprias crianças, ou seja, brincavam com que tinha ao alcance, fazendo, assim, uso da criatividade e reforçando a ideia de que o brinquedo não é necessariamente um objeto que assim foi nomeado, mas aquele que, por meio do uso da imaginação, foi utilizado como suporte da ação lúdica.

Nos relatos das professoras as brincadeiras aconteciam na rua, casa do tio, casa da avó e casa do vizinho e os parceiros das brincadeiras eram irmãos, primos e filhos dos vizinhos e às vezes se brincava sozinho mesmo. Observamos que as entrevistadas notam uma significativa diferença entre a infância vivida por elas e seus pares e aquela vivenciada por seus filhos e alunos, sendo essas diferenças vistas com lentes negativas em que a intensa sociabilidade e criatividade deixam espaço para o isolamento e uma certa passividade diante dos brinquedos e jogos eletrônicos.

Os relatos sobre as infâncias das professoras nos possibilitam conhecer um pouco mais sobre suas percepções acerca desse momento das suas vidas, assim como nos colocar questões que são latentes no presente, tais quais a perda do espaço e tempo do brincar e suas consequências para as crianças. Além disso, ao ouvir suas narrativas podemos refletir sobre os vínculos que criamos quando crianças e que agora, enquanto adultos, estamos estabelecendo com os pequenos pelos quais somos responsáveis e, assim, refletir sobre as ligações que estabelecemos entre presente, passado e futuro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. In: *Revista Critica de Ciência Sociais,* n. 79, dez. 2007. p. 95-111.

ARIES, Philippe. *História social da criança e da família.* 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BAUMAN, Zygmund. *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação.* São Paulo: Ed. 34, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.* São Paulo: Duas Cidades, 2005.

BROUGÉRE, Gilles. *Brinquedo e cultura.* São Paulo: Cortez, 1995.

BROUGÉRE, Gilles. Uma criança e uma cultura lúdica. In: CARVALHO, Marília Pinto de (Ed.). *Revista da Faculdade de Educação.* São Paulo, v. 24, n. 2, julho de 1998. p. 103-116.

FRANÇA, Sandra Luciane. *O Resgate das Memórias lúdicas de educadores do ensino fundamental I, em uma escola privada de Maringá – PR*. Dissertação (Mestrado em Educação), Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *O brincar e suas teorias.* São Paulo: Cencage, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida . O jogo e a educação infantil. In: *Perspectiva,* Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 22, 2000. p. 105-128.

MARCILIO, Daniela Signorini; AULICINO, Madalena Pedroso. Brincadeiras, lugares e modos de vida na memória de antigos moradores dos Distritos da Penha e do Cangaíba no Município de São Paulo. In: XIII Encontro Nacional de História Oral, 01 a 04 de maio de 2016, Porto Alegre. *Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461642104_ARQUIVO_ArtigoPortoAlegreV4.pdf. Acesso em: 05 dez. 2018.

MEDEIROS, E. M. *Jogos e brincadeiras na educação infantil.* Monografia (Especialização em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Infantil), Alta Floresta: Instituto superior de educação do vale do Juruena – ISE, 2010.

MEIRA, Ana Marta. Benjamin, Os brinquedos e a infância contemporânea. In: MARASCHIN, Cleci (Ed.). *Psicologia e Sociedade.* Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2003. p. 74-87.

MOURA, Flávia Almeida; ROCHA, Larissa Leda Fonseca. Memória e História: entrevista como procedimento de investigação em comunicação. In: ROTHBERG, Danilo; VENTURA, Mauro de Souza. *Revista Comunicação Midiática.* v.12, n. 2, 2017. p. 161-176.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. In: SANTIAGO, Anna Rosa Fontella; WESCHENFELDER, Noeli Valentina (Orgs.). *Revista Contexto & Educação,* [S.l.], v. 23, n. 79, jan./jun. 2008. p. 47-63.

NORA, Pierre; AUN, Khoury. Entre Memória E História: a problemática dos lugares**.** *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História,* [S.l.], v. 10, out. 2012.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *O que é o brinquedo.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: GOMES, Angela de Castro; BOMENY, Helena Maria Bousquet; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Revista Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, jul. 1992. p. 200-215.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: GOMES, Angela de Castro; MOURA, Gerson; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Revista Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: v. 2, n.3, mar. 1989. p.3-15.

SCHEFFER, Sandra Maria. *Espaço urbano e política habitacional: uma análise sobre o programa de lotes urbanizados da PROLAR - Ponta Grossa, PR*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

SILVA, Maria Alice S. S., GARCIA, Maria Alice Lima; FERRARI, Sônia C. Miguel**.** *Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: Cortez, 1989.